

Por delegado britânico

# Sentença de Khomeini denunciada na ONU

A GRÃ-BRETANHA denunciou ontem a condenação à morte do escritor Salman Rushdie pelo *ayatollah* Khomeini como «um assustador exemplo daquilo a que a intolerância pode conduzir».

A denúncia foi feita por Henry Steel, chefe da delegação britânica na reunião da Comissão dos Direitos Humanos da ONU.

Citando o ministro dos Negócios Estrangeiro britânico, Geoffrey Howe, Steel disse que o «caso Rushdie» põe em causa princípios fundamentais como a liberdade de expressão, a tolerância religiosa e o respeito pela lei.

As proclamações de Khomeini, prosseguiu, «são contrárias à Carta das Nações Unidas e constituem uma interferência inaceitável nos assuntos internos» da Grã-Bretanha.

Apesar destas críticas, as autoridades britânicas não tencionam pedir à Comissão a condenação oficial do Irão.

Em Paris, o primeiro-ministro Michel Rocard advertiu que, de agora em diante, levará a tribunal os autores de incitamentos à violência contra o escritor Salman Rushdie.

No domingo, cerca de mil pessoas manifestaram-se contra a distribuição de *Os Versos Satânicos* em França.

Os manifestantes, segundo Rocard, comportaram-se, na sua maioria, «com calma e respeitando a lei», mas «uma pequena minoria apelou à violência e ao assassínio em palavras de ordem e bandeiras».

«O nosso país», avisou, «não

pode tolerar este tipo de acções em circunstância alguma. Por consequência, qualquer novo apelo à violência e ao assassínio, seja por que forma for, será imediatamente alvo de intervenção judicial».

## «El País» entrevista Salman Rushdie

Salman Rushdie acredita que o romance *Os Versos Satânicos*, de sua autoria, não teria tido as mesmas consequências se o tivesse escrito um autor inglês ou mesmo um «indiano não muçulmano». «Esse», disse Rushdie em entrevista ao jornal madrileno *El País* de domingo, «é o verdadeiro problema. Que eu, um filho seu, alguém com nome muçulmano, os tenha atraído. Isso é que eles não podem suportar».

Natural da Índia, de 41 anos, para muitos o melhor escritor de língua inglesa, Rushdie reconhece que o seu último livro, gerador da campanha fundamentalista, «lê-se mais desde que rebentou o escândalo».

«Lamento», diz, «que as duas coisas se misturem, mas é inevitável.»

Recordou, a propósito, que «o problema» começou na Índia, quando políticos muçulmanos «converteram o livro em argumento político para negociar assuntos relacionados com o Islão».

«O livro», acusa, «foi tratado como uma bola num campo de futebol. Desde modo, conseguiu-se proibi-lo, primeiro na Índia e, depois, noutros países».